

## PROSPECÇÃO DE CENÁRIOS EM EDUCAÇÃO: DOS DESAFIOS DO PRESENTE ÀS POSSIBILIDADES DE FUTURO

Juares da Silva THIESEN<sup>1</sup>  
Eliane Fioravante GARCEZ<sup>2</sup>  
Joice Eloi GUIMARAES<sup>3</sup>

177

**RESUMO:** O texto em pauta trata sobre estudos de futuro (ou de prospecção) e das possíveis contribuições desta disciplina para a área da educação. Estudos prospectivos constituem-se como disciplina técnica do campo científico que se sustenta em um amplo arcabouço metodológico utilizado principalmente no planejamento estratégico de organizações do mundo produtivo e inclusive em instituições e sistemas públicos. Como recorte desta complexa temática, o artigo apresenta e discute elementos da relação entre prospecção e educação, tema densamente discutido em atividade de pesquisa e ensino em um Seminário Especial na Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina, ofertado em 2011. Apoiando-se em autores clássicos do campo da utopia e em autores mais recentes que se dedicam à prospecção de cenários, os autores discutem conceitos de ambos os campos/áreas e incluem, como ilustração, um exercício de prospecção em educação desenvolvido durante as atividades do Seminário. O texto é, pois, um convite para o adensamento do debate sobre uma problemática pouco explorada no campo das políticas públicas em geral e da educação em particular.

**PALAVRAS-CHAVE:** Projeção de Cenários. Estudos de Futuro. Prospecção. Educação. Currículo. Formação docente.

### Introdução

O presente texto tem sua origem em atividades de pesquisa e ensino realizadas pelos autores na disciplina *Educação, Trabalho e as Tecnologias de Informação e Comunicação*<sup>4</sup> oferecida pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGE/UFSC) no segundo semestre de 2011. Como problemáticas de debate pautaram-se os temas educação, tecnologias e conhecimento, ambas tratadas por intermédio de dois eixos estruturantes: análise

<sup>1</sup> Doutor em Educação. ICCP - Instituto Central de Ciências Pedagógicas – Pós-Graduação em Educação. Havana – Cuba. Doutor em Engenharia e Gestão do Conhecimento. UFSC- Universidade Federal de Santa Catarina – Pós-Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento. UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Ciências da Educação. Florianópolis – SC – Brasil. 88040-900 - juares@ced.ufsc.br

<sup>2</sup> Doutoranda em Ciência da Informação. UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina - Pós-Graduação em Ciência da Informação. Florianópolis – SC – Brasil. 88040-900 - efgarcez@ig.com.br

<sup>3</sup> Mestre em Educação. UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina - Pós-Graduação em Educação. Florianópolis – SC – Brasil. 88040-900 - joiceeg@hotmail.com

<sup>4</sup> Ministrada por Lucídio Bianchetti e Juares da Silva Thiesen, professores do PPGE/UFSC.

histórico-política dos aspectos sociais da modernidade e análise de elementos do tempo presente pela compreensão dos conceitos de ficção, utopia, distopia e prospecção.

A discussão e o aprofundamento dos temas deram-se por meio da leitura e socialização de cinco clássicos da literatura universal. As obras escolhidas foram *A utopia* de Thomas More, *Panóptico* de Francis Bacon, *Nova Atlântida* de Jeremy Bentham, *Admirável mundo novo* de Aldous Huxley e *1984* de George Orwell. O intenso debate do grupo em torno dessas obras possibilitou a compreensão de significativos elementos sobre educação, trabalho, tecnologias e conhecimento; conceitos atravessados sob a perspectiva do jogo da utopia, da distopia, da ficção e da prospecção.

Tendo em vista ser amplo o conjunto de temas e conceitos contemplados ao longo do trabalho realizado na disciplina, optamos por apresentar neste artigo, como recorte, apenas os aspectos relacionados à prospecção de cenários, especialmente por tratar-se de problemática relativamente nova e ainda sem adensamento no campo da educação pública. Com enfoque sobre o conceito de prospecção, apontaremos alguns dos desafios presentes no âmbito da política educacional e particularmente do currículo – um tema considerado central no âmbito do grande projeto educativo. Defenderemos que os estudos de futuro podem constituir uma importante alternativa para reacender as possibilidades de construção de outras propostas com factibilidade técnica e política.

No senso comum o termo “utopia” está relacionado à alienação, ao devaneio, a um modo particular de imaginar aquilo que nos cerca num tempo futuro e sem nenhum comprometimento. Para Thomas More<sup>5</sup> (2003, p.121), utopia é “[...] ideal irrealizável em sua plenitude [...] é toda proposta ideal de organização da sociedade em que, por meio de novas condições econômicas, políticas e sociais, se pretende alcançar um estado de satisfação geral.” Numa concepção mais contemporânea, o princípio utópico é trazido por Bloch (2005, p.17) não apenas como “[...] um traço básico da consciência humana, mas, retificado e compreendido concretamente, uma determinação fundamental em meio à realidade objetiva como um todo.” Krüger (1987, p.33), parte dessa realidade objetiva ao afirmar que “[...] as utopias emergem de circunstâncias

---

<sup>5</sup> Thomas More (1478 – 1535) escreveu *A Utopia* entre os anos 1515 e 1516. O título da obra reporta ao nome da ilha que figura como cenário onde transcorre a narrativa. Nessa ilha More descreve uma sociedade ideal, que é construída pelo autor em contraponto ao contexto histórico e social da Inglaterra no século XVI: a transição do regime feudal baseado na terra e nas relações de servidão, para o advento da ascensão do sistema capitalista, onde vigoraria a propriedade privada e a mercantilização de bens e mão de obra.

políticas, sociais, econômicas e culturais interpretadas por muitos como insatisfatória, em razão de sua injustiça e ausência de perspectiva de futuro.”

O estudo das cinco obras clássicas permitiu que empreendêssemos uma viagem ao tempo histórico integrando passado e futuro, pelos cenários projetados por seus autores, os quais por suas formas criativas de sonho e protesto expressaram, tão bem, aspectos centrais do advento da modernidade, seja do otimismo e devaneio desencadeado pelo Renascimento – ilustrado em *A utopia* de More – ao pessimismo que reflete a barbárie do Século XX, como descrito por Orwell na obra *1984*. É Zygmunt Baumann (2001, p.151) quem diz: “As utopias modernas nunca foram meras profecias, e menos ainda sonhos inúteis: abertamente ou de modo encoberto, eram tanto declarações de intenções quanto expressões de fé em que o que se deseja podia e devia ser realizado.”

A opção pela utilização dos clássicos da literatura para sustentar as discussões sobre os complexos temas propostos na disciplina justifica-se por ser a própria literatura uma forma de utopia. Como claramente define o francês Roland Barthes (1996, p.23), a literatura exerce também uma função utópica, pois se nega à impossibilidade de retratar o real tal qual o vivenciamos acreditando ser sempre “sensato o desejo do impossível.” Logo, a literatura se constitui como fonte altamente criadora de cenários sejam eles de passados vividos ou de antecipação de futuros. Ela viabiliza que o sujeito leitor “entre” num universo amplo e repleto de significações/representações proporcionando-lhe novas maneiras de pensar a história, dado o forte elo que possui com o espaço, com o tempo e com as condições sócio-históricas envolvidas em sua produção. Dito de outra forma, as obras literárias produzidas como intermediação entre o real e as aspirações coletivas fazem parte do mundo e das criações humanas, na medida em que propõem um olhar diferenciado para a realidade e/ou para aquilo que elas inspiram.

O aprofundamento teórico das temáticas a partir do estudo das obras permitiu ao grupo, além do exercício diacrônico de compreensão das temporalidades históricas, a reflexão sobre as questões da atualidade, sobretudo àquelas relacionadas à educação e suas perspectivas de futuro. Além disso, possibilitaram outras análises de natureza política relacionadas às questões de trabalho, tecnologias, informação e comunicação – pautas que a todo tempo transversalizaram os debates. O olhar lançado sobre essas questões fez-se também pela via das experiências dos sujeitos do grupo que, amarrados às suas ações do presente, foram capazes de recompor aspectos do passado e pensar possibilidades de futuro. De acordo com o filósofo russo Mikhail Bakhtin (2010) cada

sujeito ocupa um lugar único no “mundo da vida” e é inteiramente responsável por essa posição. A capacidade dos sujeitos de refletir temporalmente está vinculada ao contexto histórico-social em que estão inseridos e à responsabilidade inerente a sua unicidade. Considerando-se que a responsabilidade individual e coletiva é construída ao longo da vida, torna-se relevante incluí-la como elemento central da/na formação educacional.

É, pois, na perspectiva de aproximar os conceitos apontados, que apresentamos no texto, inicialmente, alguns elementos que revelam a atual crise educacional de perspectiva neoliberal e implicações desse fenômeno nos currículos escolares. Em seguida explicitamos aspectos da inserção dos chamados estudos de futuro ou de prospecção no campo da educação para, finalmente, apresentarmos, como ilustração, um exercício de construção de cenários desenvolvido durante o trabalho da disciplina no PPGE/UFSC.

### **Educação e currículo: prospecção como alternativa de superação dos desencantamentos.**

Hoje, é amplamente aceita a ideia de que o nosso sistema educacional vive uma forte crise. Esse quadro é resultado de muitos fatores provenientes tanto de esferas intra quanto extraescolares. Dentre os fatores da crise, situam-se as reformas desencadeadas pelos projetos neoliberais do final do século XX – movimento político que para os adeptos das concepções críticas de educação constitui um dos maiores empecilhos para o alcance da chamada qualidade social na educação. De acordo com Gentili e Alencar (2007), esses fatores contribuem para a construção de um sentimento de apatia na comunidade escolar, estabelecendo uma aura de desencanto que se estende à sociedade em geral. Isso pode dar origem ao tédio, que segundo Rocha (2000, p.191), nada mais é que “[...] a sensação de descompasso, de inércia, de anacronismo que surge no cotidiano, como a sensação de impotência de criar, de fazer face a uma realidade que não está sob controle.” A autora constatou, em pesquisa realizada no meio educacional, que viver esse sentimento, sem saber como provocar rupturas, favorece o adoecimento e a sensação de impotência dos sujeitos nela implicados. É um quadro que coloca em risco qualquer possibilidade de crença em projetos de futuro seja para a sociedade em geral, seja para a educação em particular.

É também sob esse cenário um tanto obscurecido que se encontram os projetos curriculares de perspectiva transformadora e emancipatória. A sensação presente nas

comunidades escolares e nos coletivos de profissionais da educação é que a única utopia possível no âmbito dos projetos curriculares é aquela que coloca o consumo e a produtividade como pontos de chegada.

Aliás, está no grupo dos que projetam o currículo da escola capitalista neoliberal, a *expertise* metodológica para a construção dos estudos de futuro ou de prospecção. São eles que trazem para o campo educacional a proposta de prospectar uma formação escolar que atenda os princípios da sociedade burguesa do consumo e da acumulação. A questão que emerge nesse contexto é a da possibilidade de se prospectar cenários fora dos parâmetros que constitui essa lógica. É somente por esta via que entendemos ser necessária e possível a inclusão desta metodologia no campo da educação e no currículo.

Com esse pressuposto político pensamos a possibilidade de a metodologia de estudos prospectivos ser incluída no conjunto das políticas públicas. Entendemos que colocar essa metodologia a serviço da construção de uma educação transformadora é apontar possibilidades de futuro e de reverter esse quadro de desencantamento, ainda que paulatinamente.

De acordo com Peroni et al. (2009), a busca pela qualidade nos processos educativos sob a lógica do neoliberalismo sustenta-se na perspectiva da eficácia e do sucesso escolar, visando o mercado de trabalho. Segundo Neves (2005, p.19), no sistema capitalista o desenvolvimento educacional caracteriza-se pela valorização do capital “[...] que tem no aumento da produtividade do trabalho um dos principais elementos propulsores de sua dinâmica.” É Frigotto (1984) quem diz que a lógica da escola produtiva num regime capitalista é ser improdutiva. Seguindo esta concepção, os históricos fenômenos da evasão, da repetência e do fracasso escolar integram a ideia de “produtividade”, sobretudo por estarem alinhadas aos critérios de seletividade, meritocracia e exclusão, próprios da lógica neoliberal. Tais fatores certamente contribuem para o desencanto apontado por Gentili e Alencar (2007, p.11), clima este que, em certa medida, institui a “crise do pensamento utópico.”

Entendemos que o cenário vigente que aponta o mercado como única saída impede a construção de futuros em perspectivas de mudança desejáveis para a educação. O desencanto atinge, sobretudo, a comunidade educativa que vive mais intensamente esse mal estar.

É lamentável que os atuais debates sobre prospecção na educação se insiram, sobretudo, na perspectiva neoliberal, tendo como alvo a gestão da educação e o campo

do currículo. O currículo é considerado instrumento estratégico nas políticas educacionais de perspectiva neoliberais, tanto em nível de desenvolvimento curricular para as escolas como também nas projeções mais amplas ligadas ao campo da formação. Nesta mesma direção Gimeno Sacristán (1998) aponta que nos momentos em que se busca efetuar melhorias no sistema educativo a atenção se volta para a renovação curricular, sobretudo para os conteúdos e para a metodologia das aulas. Portanto, vê-se que o currículo ocupa lugar de destaque quando se trata de repensar e/ou efetuar mudanças na educação, seja em termos de estratégia do presente ou projeção de futuro.

Preocupado com essas questões, Silva (1996, p.12), denuncia que as ideias neoliberais atingem a educação também pela via do currículo “[...] não apenas com o objetivo de dirigi-lo a uma preparação estreita para o local de trabalho, mas também com o objetivo de preparar os estudantes para aceitar os postulados do credo liberal.” Tanto no âmbito das políticas públicas mais amplas como da política curricular em particular, presente e futuro se entrecruzam. Parece-nos implícita a ideia de que planejar ou desenvolver currículo é colocar presente e futuro frente a frente. Não há maneiras de organizar qualquer proposta de formação humana sem levar em conta a materialidade do presente colocado em perspectiva por meio de um **vir a ser**. Afinal, as energias do presente se concentram sob ideias de futuro(s) possível(is), seja no campo do currículo, da educação ou de qualquer outro projeto societário.

### **Estudos prospectivos em educação: possibilidades de uso da metodologia como estratégia de mudança.**

O surgimento dos primeiros estudos prospectivos no Brasil data da década de 1970. O uso da metodologia de construção de cenários em estudos de prospecção, nesse período, estava voltado predominantemente ao setor econômico, sobretudo pela carência de novas alternativas metodológicas para planejamento estratégico em setores produtivos da economia. Ainda hoje, os estudos de prospecção de cenários são pouco utilizados na área da educação, um campo historicamente mais focado à investigação de problemas de caráter didático-pedagógico do presente. Somente em alguns aspectos da educação, notadamente o das políticas educacionais e curriculares, a preocupação maior tem sido pensar a educação nos termos de seu futuro. No Brasil, isso pode ser atribuído à sua inserção no processo de globalização da economia.

A competitividade acirrada instalada neste contexto e sua forte influência em setores da sociedade, como o da educação, tem levado os governos a considerar a necessidade de investimento na escolarização e na formação de recursos humanos. Mendes (1995 apud THIESEN, 2007, p.267, grifo nosso) destaca que “[...] a educação agora passa a ser uma questão econômica essencial para o desenvolvimento do *sistema produtivo*.” Jamais, em nenhum outro tempo histórico, a educação ganhou tamanha centralidade e tanta atenção por parte do Estado, das organizações e da economia. Contraditoriamente, esse território vem perdendo seu espaço como instrumento político de mudança social para colocar-se a serviço da manutenção da ordem capitalista vigente. É nesse contexto que os estudos de prospecção aparecem como mais uma alternativa de projeção de futuro.

Nessa mesma direção, consideramos oportuno abordar este aspecto da política educativa, revelando seu enfoque político e sua vinculação aos interesses do mercado. Nesse âmbito, algumas questões que nos parecem fundamentais são: pensar como a adoção dessa metodologia na construção das políticas educacionais contribuirá para que a educação, no futuro, transforme o país numa sociedade mais inclusiva; de que modo uma metodologia, criada e desenvolvida no contexto da sociedade capitalista, pode contribuir para mudar o próprio modelo; haverá sentido em lançar-se mão da metodologia prospecção de cenários para projetar outra educação fora dos parâmetros da acumulação do capital? Ou ainda, soa utópico pensar na inserção de estudos prospectivos na educação desde a básica até a superior? Enfim, quais os desafios a serem enfrentados e superados para que ocorra este tipo de estratégia ou de prática e em quais aspectos os estudos de futuro podem auxiliar na elaboração de políticas públicas para que o país siga o caminho de seu desenvolvimento e ao mesmo tempo consiga tornar-se mais viável em termos de justiça social?

Entendemos que o fato de a metodologia de construção de cenários ter sido gerada como estratégia de planejamento para uma educação liberal não elimina a possibilidade de ela tornar-se uma ferramenta para pensar projetos de mudança. Em outras palavras, defendemos que uma estratégia utilizada para a legitimação de um modelo pode converter-se em ferramenta para sua mudança.

No sentido do que estamos compreendendo, a prospecção poderia tornar-se uma forma de ‘utopia possível’, ou seja, uma alternativa de mudança que, sustentada em critérios de planejamento de médio e longo prazo, recuperaria o caráter de otimismo e de encantamento visivelmente perdidos no campo da educação.



Assumindo-se a perspectiva blochiana de utopia como “sonho diurno”, poderíamos afirmar que a prospecção em educação lançaria um novo olhar para o amanhã, recompondo-se a crença na possibilidade da mudança pela via da ação sistematicamente planejada. A prospecção permite, dentre outras coisas: que se lance o olhar para diferentes cenários futuros; que por antecipação de fatos portadores de futuro constituam-se estratégias de enfrentamento dos grandes desafios; que se supere progressivamente a cultura do planejamento fragmentado e imediatista; e, que as grandes finalidades educacionais estejam universalmente visibilizadas.

Diferente da utopia (no sentido de u-topos) que, em geral, é compreendida como algo descolado e, portanto, sem comprometimento imediato com a realidade, a prospecção, ao se utilizar de metodologia específica, revela possuir elementos que lhe garantem alguma credibilidade. Assim, os planejamentos que utilizam essa ferramenta como metodologia, são recursos cada vez mais utilizados por profissionais de diferentes áreas, inclusive da educação.

No entanto, quando se discute estudos de cenários nessa área, ainda prevalecem desconfianças, seja por entender-se que seu desenvolvimento decorra de perspectivas exageradamente idealizadas e utópicas, ou então pela ênfase dada aos aspectos puramente mensuráveis. Em síntese, é uma metodologia que, por princípio, não serviria para a educação.

Na literatura que vem sendo produzida no campo dos estudos prospectivos, podem-se encontrar várias definições de cenários. Dentre elas, buscamos em Wright e Spers (2006), três que consideramos convergentes com os argumentos que vimos apresentando no texto.

[...] um cenário é uma visão internamente consistente do que o futuro poderá vir a ser, e tem como principais funções a avaliação explícita de premissas de planejamento, o apoio à formulação de objetivos e estratégias, a avaliação de alternativas, o estímulo à criatividade, a homogeneização de linguagens e a preparação para enfrentar discontinuidades. (PORTER, 1986 apud WRIGHT; SPERS, 2006, p.14).

[...] um conjunto formado pela descrição detalhada de uma situação futura, incluindo a *ação dos principais atores* e a probabilidade estimada de *eventos incertos*, articulados de tal forma a *descrever a passagem da situação de origem para a situação em um momento futuro de forma coerente*. (GODET, 1993 apud WRIGHT; SPERS, 2006, p.14, grifo nosso).



Para Porter et al. (1991 apud WRIGHT; SPERS, 2006), cenários representam delineamentos parciais de aspectos do mundo futuro, em que se deve enfatizar no estudo empreendido os aspectos relevantes para o prognóstico almejado. Ayres (1984 apud WRIGHT; SPERS, 2006), mesmo alertando para a impossibilidade de se fazer previsões precisas sobre o futuro, reconhece a importância de se explorar essas possibilidades.

A pergunta que emerge é: se a construção de cenários auxilia o planejamento em diferentes áreas, por que não serviria à educação? Assumindo-se que essa é uma metodologia de caráter interdisciplinar, se pode supor que sua adequação ao planejamento educacional deve contribuir para o alcance de suas finalidades mais amplas. Nota-se que, de alguma forma, os estudos prospectivos vêm sendo utilizados na gestão educativa especialmente em sistemas ligados ao setor privado. Do mesmo modo, já é possível observar a inserção desse conceito nas discussões realizadas por profissionais diretamente ligados à prática educativa – os professores.

### **Breve exercício de construção de cenários em educação<sup>6</sup>**

Os referenciais de utopia, distopia, prospecção e cenários contemplados na disciplina *Educação, Trabalho e as Tecnologias de Informação e Comunicação* do PPGE/UFSC, numa perspectiva do jogo do tempo, suas nuances, possibilidades e receios, permitiram que os pós-graduandos projetassem seu olhar para o futuro, sem descuidar das amarras da temporalidade que num só tempo joga com presente, passado e futuro.

As reflexões do grupo provenientes do referencial teórico de autores como Almeida (2004), Berger (2004) e Thiesen (2007, 2011), dentre outros, associadas à literatura ficcional dos ingleses More, Bacon, Bentham, Huxley e Orwell possibilitaram a superação do desafio inicial de imaginar cenários para a educação no ano 2061.

O exercício proposto foi uma descrição objetiva (de uma ou duas laudas) de um conjunto de cenas que caracterizassem uma realidade/contexto em um determinado espaço/tempo – no caso a escola ocidental numa perspectiva de cinquenta anos à frente. Desse exercício, dois cenários são trazidos para o presente artigo. Além desses,

---

<sup>6</sup> Usando a expressão de Ernst Bloch (1885-1977) aqui os registros dos “Sonhos diurnos” das pós-graduandas coautoras neste artigo.

surgiram outros escritos<sup>7</sup> fortemente banhados pela literatura, frutos das reflexões promovidas no contexto da disciplina.

A literatura foi valorosa, sobretudo, por ser traduzida na relação com os conceitos essenciais da discussão. O mundo real foi pensado por meio do universo ficcional e isso auxiliou o grupo de pós-graduandos a prospectar cenários futuros fortemente impregnados pela livre imaginação/criação.

Saindo-se do universo acadêmico vê-se que a literatura tem uma importância ainda maior, haja vista que, além da possibilidade de dialogar com o currículo das disciplinas, ela também incentiva os sujeitos para o gosto pela leitura, prática que os “insere” no mundo, o que os remete a presença de um imaginário sempre criativo. A literatura, por certo, permeia os currículos em todos os níveis de ensino.

As discussões sobre prospecção introduzidas na disciplina do programa do PPGE/UFSC estiveram sustentadas em uma perspectiva crítica, fazendo-se, portanto, contrapontos com os atuais conceitos de prospecção oriundos das áreas técnicas do mundo produtivo. Desvinculados da exigência técnica, que orienta a construção de cenários, o exercício permitiu que os pós-graduandos construíssem verdadeiros “sonhos diurnos”<sup>8</sup>. Esse exercício, do qual ilustrativamente trazemos dois exemplos, configura-se como uma interessante experiência de antecipação do futuro.

### a) Cenário 1

No decorrer do século XXI, as tecnologias de comunicação e informação tornam-se ferramentas indispensáveis no modo de vida da sociedade. A rapidez e a eficiência proporcionadas, principalmente pela *internet*, fazem com que a sociedade adquira novos hábitos. O convívio social em 2061 é mediado por estas ferramentas, que

<sup>7</sup> A coletânea *Utopias e distopias na modernidade: viajando com T. Morus, F. Bacon, J. Bentham, A. Huxley e G. Orwell* (organizada por BIANCHETTI; THIESEN), aceita para publicação pela Editora da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, [20--]), o artigo *O indivíduo diante da transversalidade atemporal do sítio: reflexões à luz da distopia 1984 de George Orwell* (GUIMARÃES et al., 2012), disponível em: <<http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/2589/205>>. Acesso em: 04 fev. 2013. O artigo *O Admirável Mundo Novo e a educação: entre a ficção e a realidade* (GRECHI; MANGINI; SATO, 2012), além do artigo *Utopias, distopias e prospecções: elementos constitutivos da experiência humana na Modernidade* (THIESEN; BIANCHETTI, 2012), disponível em: <<http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/1549/897>>. Acesso em: 15 fev. 2013.

<sup>8</sup> Os sonhos diurnos na concepção de Ernest Bloch (1880-1959) representam antecipações do futuro que, desvinculados da subjetividade dos sujeitos tornam-se utopia concreta e coletiva. É nesse sentido que compreendemos os cenários para a educação, projetados pelos pós-graduandos, como sonhos diurnos, utopias que têm no presente as aspirações de seu vir a ser (APOLINÁRIO, 2008).

na maioria das vezes, substituem a presença do outro; a sociabilidade. As pessoas adquirem, gradativamente, hábitos mais solitários, pois até mesmo suas tarefas mais corriqueiras, como o trabalho, as compras, o lazer, são atividades realizadas, quase que exclusivamente, através do ambiente virtual. O Brasil precisou de reformulações constantes em suas políticas econômicas e sociais ao longo das três primeiras décadas desse século para que todos os estratos da população tivessem acesso a estas tecnologias, sendo possível, desta maneira, torná-la imprescindível em todos os setores que compõem a sociedade.

Este processo gradativo atinge a educação na metade do século, repercutindo em transformações no modo operacional do sistema educacional. O abandono do modelo de educação que vigorou durante séculos resistiu às mudanças durante duas décadas, porém em meio ao contexto instaurado desde o início do século temos em 2061 a consolidação da denominada Educação do Futuro. Trata-se da perpetuação e hegemonia do que se conhecia anteriormente como Ensino a Distância. Em 2061 este termo já não é utilizado, visto que o conceito de proximidade física nas relações inerentes à prática educacional já não existe. O aluno dispõe de todo conteúdo na **internet**, em *sites* destinados à sua formação. Os conteúdos são separados em níveis de acordo com seu grau de complexidade. Em cada nível o aluno tem acesso aos conhecimentos em sua totalidade, visto que já não há o conceito de disciplinas. Os conhecimentos estão interligados formando uma rede, onde uma coisa leva a outra; prevalece a ideia da interdisciplinaridade. É o interesse e a curiosidade intrínsecos ao aluno que o induz a novas descobertas.

A autonomia do aluno é observada também na duração do processo de aprendizagem. Assim como a sua dedicação e interesse são fatores que determinam quanto tempo de sua vida será destinado à educação. Dessa forma o aluno se torna sujeito do processo e a ferramenta – a **internet** – é a mediadora entre o aluno e o conhecimento. As aulas – mais dedicadas à pesquisa, ocorrem em horários estabelecidos pelos próprios alunos. Quando estes estão no início do processo, por volta dos 4 anos de idade, os pais se encarregam de estipular os períodos dedicados a esta atividade. Isso porque desde cedo é inculcido nos jovens a ideia de terem compromisso consigo mesmos e com a sociedade, uma maneira de garantir a sobrevivência de ambos; do sujeito e do coletivo do qual faz parte. Quando inserido no ambiente virtual de aprendizagem o aluno recebe um cadastro, que possibilita sua navegação pelos endereços onde estão os conteúdos e as atividades de acordo com seu nível. Cada nível escolar corresponde a um

semestre de estudos, após este período o aluno é provocado a construir um trabalho que remeta a um conhecimento novo, construído a partir de suas aprendizagens durante o semestre.

A responsabilidade do Estado pela educação concentra-se no investimento em pesquisas realizadas pelos Tutores – profissionais responsáveis pela constante inovação dos *sites* de pesquisa e avaliadores do resultado final dos trabalhos realizados pelos alunos.

A figura do professor como mediador do processo educacional inexistente. O aluno, a partir da sua inserção no ambiente escolar virtual, aprende a investigar, em todos os domínios definidos para o seu nível, possíveis respostas às suas dúvidas, e/ou, mais ainda, amplia a problematização da sua dúvida inicial de pesquisa. Cabe ao Tutor avaliar o grau de conhecimento produzido pelo aluno através de um trabalho final. Este trabalho, que define se o aluno está apto a avançar, varia de acordo com o grau de complexidade do seu nível. Nos primeiros níveis os trabalhos são mais simples, porém a partir desse nível se exige do aluno a capacidade de fazer relação entre os diferentes conhecimentos adquiridos, o que decorre em novas experiências. A avaliação realizada pelos Tutores é processual, pois mesmo com a crescente busca de autonomia os alunos precisam enviar, semanalmente, relatórios que contenham suas aprendizagens recentes e suas ideias para o trabalho final. Dessa forma os Tutores acompanham o desenvolvimento dos alunos e evitam os casos de plágio.

Na Educação do Futuro o aluno é responsável pelo seu aprendizado. As tecnologias utilizadas são familiares a ele desde seu primeiro ano de vida. Como resultado verifica-se a construção, cada vez maior, de sujeitos autônomos, construtivos e capazes de produzir conhecimentos novos fundamentais para o desenvolvimento da sociedade. Esta autonomia também contribui para a ampliação e fortalecimento das redes de convívio e de troca de experiências. Neste contexto a interação homem-máquina potencializa a ideia de coletividade.

## **b) Cenário 2**

O ano é 2061. A cena acontece em estado da Região Norte do Brasil; o Amazonas. Essa Região possui a maior concentração populacional do país e o Amazonas, pela extensão territorial, é o estado brasileiro onde vive o maior número de pessoas. A maioria delas é oriunda das regiões Sul e Sudeste em função da saturação de

seus recursos naturais, processo iniciado a partir do ano 2027, sendo a água o principal deles. Ao entorno do Rio Amazonas e afluentes há mais de setenta Usinas hidrelétricas. Também há nesse Estado, quatro usinas nucleares. Da floresta restou apenas um terço. Não há mais índios na região. Deles restaram alguns descendentes, mas cujos traços, assim como a cultura, foram se perdendo com o passar dos anos, a cada nova geração. A população desse Estado, assim como no restante do país, é formada predominantemente por velhos – pessoas na faixa etária de 70 a 130 anos. A tecnologia fez com que os homens ganhassem qualidade de vida e longevidade. As crianças e os jovens, em número menor, continuam sendo a promessa de dias melhores. Por conta disso todas vão à escola.

Em 2061 o volume de informação é gigantesco, inimaginável. Apenas com o desenvolvimento de aparatos tecnológicos tornou-se possível às pessoas, capturá-la. Para isso cada pessoa é portadora de um dispositivo eletrônico subcutâneo, um chip, introduzido na parte interna do punho direito, com o qual é possível “sugar” os conteúdos (imagens, textos e sons) produzidos no Brasil e no mundo. Ao completar um ano de vida, o dispositivo é instalado nela e junto com ele a pessoa recebe uma Tábua Digital, tipo de uma placa, a ZOZmy, medindo 13,5cm x 19cm, onde encontram-se as informações antes de serem sugadas. Ao colocar a mão direita sobre a superfície dessa placa, imediatamente, as informações são captadas pelo chip, e encaminhadas ao cérebro. Não o volume, mas a profundidade da abordagem das informações é dosada e gerenciada pelo Ministério da Trans-In-formação, conforme a idade da pessoa, cadastrada em sistema central desse Ministério. Uma catástrofe, por exemplo, é informada de diferentes densidades de acordo com a idade. Se a pessoa tem 1 ano a informação é repassada de maneira menos profunda, ou seja, de mais fácil entendimento, considerando a sua concepção sobre as coisas nessa fase da vida. A medida que muda de idade, também muda a abordagem e a complexidade da informações por ela recebida. Com base nisso todos têm condições de conversar sobre tudo. O que muda é apenas o grau de profundidade e abrangência da discussão. O Ministério das Trans-In-formação tem estreita vinculação com outros dois ministérios, o da Educação e Pesquisa e o da Tecnologia.

A escola ainda existe fisicamente. Ela é um lugar de troca de informações, e de desenvolvimento de pesquisas variadas onde os alunos se envolvem desde cedo com questões fundamentais, como a qualidade do ar e da água, preservação da espécie, colonização em outros planetas e novos aparatos de comunicação. Mas o conversar

neste ano 2061, tem uma significação diferente da que se tinha em 2011, por exemplo. É uma conversa com mais “silêncio”, ou seja, as pessoas conversam pouco, a troca acontece através da retina. E os velhos, assim como os professores são extremamente respeitados, pois são facilitadores para que os alunos compreendam as informações captadas através do ZOZmy. Assim, eles se tornaram essenciais nessa sociedade para que a construção de conhecimento seja possível a partir da escola e desde cedo a partir das informações aspiradas por esse aparelho. Entre os alunos há uma hierarquização do aprender-conhecer-fazer. Há os que assimilam mais facilmente as orientações e os conhecimentos a partir da conversa com o mestre-professor e outros menos. E isso acaba determinando uma estratificação social.

### **Considerações finais**

Vivemos em um tempo cada vez mais líquido (BAUMANN, 2001), e pensar o futuro no agora é um desafio essencial diante das incertezas sociais e do crescente aligeiramento das dinâmicas que movem o mundo. Nesse contexto, as críticas, as crises e os desafios enfrentados por governos, gestores e profissionais de diferentes áreas trazem à tona a emergência do uso de novas ferramentas para antecipar e planejar o porvir seja em curto, médio ou longo prazo.

Nos cenários apresentados pode-se observar nuances do contexto histórico-social vivido por suas autoras, sendo impossível ignorar neles a influência do modelo educacional vigente e a intrínseca relação entre futuro e tecnologia. Percebe-se nesses cenários um novo desenho de profissões e papéis sociais, influenciado pela forte ascensão tecnológica do presente, cuja resposta é dada pela escola. O papel da escola de formar sujeitos que atendam às demandas sociais nos remete as indagações de Pacheco (2005). Afinal,

Que aptidões, atitudes e conhecimentos propostos pelo currículo ajudam os membros da comunidade social a funcionar, de modo competente, nos seus papéis e funções sociais? Que relação pode existir entre aqueles e a análise dos principais papéis e funções sociais a desempenhar pelos membros da sociedade? Que domínios de actuação/contextos ou áreas de actividade social e correspondentes perfis funcionais se devem considerar para a concepção e elaboração de currículo? (PACHECO, 2005, p.58-59).

Isso nos faz pensar sobre a literatura no currículo e na necessidade de se facilitar o acesso a ela desde a educação básica. Talvez um modo de provocar gradativamente nos sujeitos a reflexão sobre o mundo real a partir do ficcional. A relevante contribuição da literatura, no repensar o mundo, nos remete ao conceito de exotopia desenvolvido por Bakhtin (2011). Nele o autor defende que a clareza e o entendimento de dada realidade são proporcionados ao leitor através do distanciamento que possibilita ao mesmo o desdobramento de olhares para essa realidade. Mas quantos brasileiros têm acesso à literatura?

É fundamental considerar que a maioria das escolas públicas deste país sequer tem bibliotecas<sup>9</sup>, ou seja, sequer proporciona aos alunos o acesso à literatura. Por outro lado, os educadores encontram-se mergulhados em tarefas cotidianas que, em certa medida, os impede de tornarem-se protagonistas do seu projeto educativo e curricular. De modo semelhante encontram-se as escolas, em geral, aprisionadas pelas demandas políticas e econômicas de uma sociedade que pouco as valoriza, mas que delas muito exige em termos de resultados. Escolas que continuam presas ao passado, realizando enormes esforços para dar conta do presente e que não encontram espaço suficiente para pensar, organizar e efetivar seus projetos de futuro.

Do encontro com a literatura ficcional e teórica ocorrido na pós-graduação emergiu essa reflexão sobre o contexto da educação atual e sobre o currículo, duas problemáticas que dialogam com a teleologicidade que constitui a formação humana. Afinal, o acesso à informação, ao conhecimento, à escolarização e ao direito de sonhar, são condições fundantes para se vislumbrar o porvir, e para garantir o almejado “estado de satisfação geral” idealizado por More.

### ***PROSPECT OF SCENARIOS IN EDUCATION: THE CHALLENGES OF THIS OPPORTUNITY FOR FUTURE***

---

***ABSTRACT:*** *The text in question deals with future studies (or prospecting) and the possible contribution of this discipline to the field of education. Prospective studies are as technical discipline of the scientific field which relies on a broad methodological framework used primarily in the strategic planning of organizations worldwide production and even in public institutions and systems. As a part of this complex theme, the article presents and discusses elements of the relationship between prospecting and education, heavily discussed topic of*

---

<sup>9</sup> Entendemos que a Lei Federal 12.244/10 (BRASIL, 2010), que trata da universalização de bibliotecas nas instituições de ensino, é um caminho para garantir esse acesso, o qual possibilitará aos professores e alunos utilizar bem mais a biblioteca nas atividades desenvolvidas na prática pedagógica.



*research and teaching activity in a Special Seminar in Graduate Education, Federal University of Santa Catarina, offered in 2011. Relying on classical authors from the field of utopia and more recent authors engaged in the exploration of scenarios, the authors discuss concepts from both fields/areas and include, as an illustration, a prospecting exercise in education developed during activities Seminar. The text is therefore an invitation to the densification of the debate on an issue unexplored in the field of public policies in general and education in particular.*

**KEYWORDS:** *Projection Scenarios. Future studies. Prospecting. Education. Curriculum. Teacher training.*

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, P. R. História do porvir: uma aposta contra o passado. **Parcerias Estratégicas**, Brasília, n.19, p.319-333, dez. 2004. Disponível em: <[http://www.cgee.org.br/arquivos/pe\\_19.pdf](http://www.cgee.org.br/arquivos/pe_19.pdf)>. Acesso em: 28 nov. 2011.
- APOLINÁRIO, J. A. F. A práxis do pensamento utópico em Ernst Bloch. **Cadernos de Ética e Filosofia Política**, São Paulo, v.13, n.2, p.43-56, 2008.
- BAKHTIN, M. M. Metodologia das ciências humanas. In: \_\_\_\_\_. **Estética da criação verbal**. 6.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011. p.393-410.
- \_\_\_\_\_. **Para uma filosofia do ato responsável**. São Carlos: Pedro & João Ed., 2010.
- BARTHES, R. **Aula**. 7.ed. São Paulo: Cultrix, 1996.
- BAUMAN, Z. **Sociedade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BERGER, G. Atitude prospectiva. **Parcerias estratégicas**, Brasília, n.19, p.311-317, dez. 2004. Disponível em: <[http://www.cgee.org.br/arquivos/pe\\_19.pdf](http://www.cgee.org.br/arquivos/pe_19.pdf)>. Acesso em: 28 nov. 2011.
- BLOCH, E. **O princípio esperança**. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. da UERJ, 2005. v.1.
- BRASIL. Lei nº 12.244, de 24 de maio de 2010. Dispõe sobre a universalização das bibliotecas nas instituições de ensino do País. **Diário Oficial da União**: República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 24 maio 2010. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2010/Lei/L12244.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Lei/L12244.htm)>. Acesso em: 05 jan. 2011.
- FRIGOTTO, G. **A produtividade da escola improdutiva**: um (re) exame das relações entre educação e estrutura econômico-social capitalista. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1984.
- GENTILI, P.; ALENCAR, C. **Educar na esperança em tempos de desencanto**. 7.ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

GIMENO SACRISTÁN, J. **O currículo**: uma reflexão sobre a prática. Tradução de Ernani F. da Rosa. 3.ed. Porto Alegre: ARTMED, 1998.

KRÜGER, H. Utopias sociais e pedagógicas. **Fórum Educacional**, Rio de Janeiro, v.11, n.4, p.33-41, out./dez. 1987.

MORE, T. **A utopia**. São Paulo: Martin Claret, 2003.

NEVES, L. M. W. **Educação e política no Brasil de hoje**. 4.ed. São Paulo: Cortez, 2005.

PACHECO, J. A. **Escritos curriculares**. São Paulo: Cortez, 2005.

PERONI, V. M. V. et al. Terceira via, terceiro setor e a parceria IAS/sistemas de ensino público no Brasil. **Educação: teoria e prática**, Rio Claro, v.19, n.32, p.17-35, jan./jun., 2009.

ROCHA, M. L. da. Educação em tempos de tédio: um desafio a micropolítica. In: TANAMACHI, E. de R.; PROENÇA, M.; ROCHA, M. L. da. **Psicologia e Educação: desafios teóricos-práticos**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000. p.191.

SILVA, T. T. da. A "nova" direita e as transformações na pedagogia da política e na política da pedagogia. In: GENTILI, P.; SILVA, T. T. da. **Neoliberalismo, qualidade total e educação**. 4.ed. Petrópolis: Vozes, 1996, p.9-30.

THIESEN, J. da S. **O futuro da educação**: contribuições da gestão do conhecimento. Campinas: Papirus, 2011.

\_\_\_\_\_. O espaço da educação pública nos estudos prospectivos realizados no Brasil. **Revista Grifos**, Chapecó, n.22/23, p.257-273, jun./dez. 2007. Disponível em: <<http://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/grifos/article/view/182/83>>. Acesso em: 25 abr. 2012.

WRIGHT, J. T. C.; SPERS, R. G. O país no futuro: aspectos metodológicos e cenários. **Estudos Avançados**, São Paulo, v.20, n.56, p.13-28, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v20n56/28624.pdf>>. Acesso em: 02 set. 2012.